

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Martin Rahde Weiler

MEMORIAL DESCRITIVO DA PERFORMANCE
COSMOBLOCO: A VACA ABDUZIDA



Porto Alegre
2018

Martin Rahde Weiler

MEMORIAL DESCRITIVO DA PERFORMANCE
COSMOBLOCO: A VACA ABDUZIDA

Projeto de Graduação em Música Popular apresentada ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientação: Profº Dr. Jean Presser

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Rahde Weiler, Martin
MEMORIAL DESCRITIVO DA PERFORMANCE COSMOBLOCO: A
VACA ABDUZIDA / Martin Rahde Weiler. -- 2018.
34 f.
Orientador: Jean Presser.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2018.

1. bloco. 2. sopro e percussão. 3. vivência
musical. 4. neofanfarrismo. 5. performance. I.
Presser, Jean, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Este projeto nunca seria possível sem a vontade e disponibilidade de maravilhosas pessoas que dedicaram seu tempo, sua música e seu brilho ao Cosmobloco. Apesar de se tratar de um projeto de graduação, este foi um trabalho coletivo, construído a várias mãos.

Agradeço imensamente aos musicistas: Lucas Silveira, Guilherme Bregon, Andrés García, Carolina Pizzato, Giana da Rocha, Jonas Lunardon, Andrey dos Anjos, Vinícius Ávila, Suelen Muraro, Yuri Neves, Mônica Lopes, Marjorie Cavalli, Lívia Tabert, Amanda Campos, Gabriel Luzzi, Amadeu Medina, Frigo, Ananda Aliardi, Shana Weber, Luíz Barreto e Pedro Souza. Sem vocês não existiria o Cosmobloco, obrigado.

À nossa porta estandarte, Ana Ipliski e ao criador do estandarte, o incrível professor Luíz Barreto.

Às maravilhosas pernaltas: Bárbara Kasper, Alice Quadros, Laura Lewgoy, ngela Ferreira, Caroline Riella, Thainê Monteiro, Alice Kasper, Thainá Della Nina, Érica Ivanoff, Andressa Brzezinski e Marsala Machado (e Catariana na barriga!) que deram vida ao plano de cima do bloco.

Às malabaristas: Camila Filter, Naamah Nádia Corrêa e Jacqueline Martinez que tornaram o espetáculo pirofágico e luminoso.

À criadora da logo do bloco Raffaella Goi, que participou do grupo no seu princípio, uma grande amiga e incentivadora do bloco.

Ao Marcelo Martins Silva, poeta cósmico, co-fundador do bloco.

Ao meu orientador Jean Presser pelos ensinamentos durante todo curso, minha principal inspiração como professor, educador e músico, obrigado.

À Letícia Matos pelo companheirismo que me acompanhou durante todo o processo e sua leitura atenta à este memorial.

Aos colegas de casa e amigos Rodrigo Gonçalves Lima e Felipe Scalco Bagorro por todo carinho e parceria.

Preciso destacar duas pessoas que foram essenciais para mim. A primeira é Amanda Campos, exímia trompetista, amiga, parceira de todas as bandas. Mesmo com uma dissertação de Mestrado entregue no dia da saída esteve sempre

presente com sua animação, companheirismo, empolgação e música que foram fundamentais pra seguir em frente com este projeto. Meu eterno agradecimento a ti. E a Lorena Relva, amiga de todas as horas, produtora cultura espetacular, fez o melhor trabalho de produção deste universo. Sempre incentivando e motivando o trabalho, depositando toda fé em mim. Muita gratidão.

RESUMO

Este memorial descritivo trata da minha experiência de formação em blocos/fanfarras dentro da filosofia do movimento neofanfarrista, da idealização do bloco Cosmobloco e comenta, brevemente, o processo de criação e preparação da performance musical pública referente ao Projeto de Graduação em Música Popular da UFRGS, realizada no dia 23 de novembro de 2018 em Porto Alegre na Orla do Guaíba. Parto da exposição da minha trajetória e contexto de vida, desde a participação em coletivos de sopro e percussão, até a vivência em festivais de fanfarras como Honk!.

Palavras-chave: bloco, sopro e percussão, vivência musical, neofanfarrismo, performance

*E se a Via Láctea não for feita de
estrelas, mas de pessoas?*

*Aquela multidão de gente navegando
no espaço feito um bloco de carnaval
cruzando a noite, purpurina em estado
puro solta no céu.*

Bloco siderado, é pra lá que eu vou.

(Marcelo Silva)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ensaio Cosmobloco com Yuri, Martin Jonas e Suelen.....	13
Figura 2 - Honk! Brasília agosto/2018.....	15
Figura 3 - Orla do Guaíba (Porto Alegre).....	20
Figura 4 - O carro para vender cerveja foi adaptado para levar a bateria.....	21
Figura 5 - Ensaio Geral (escadaria).....	22
Figura 6 - Ensaio Geral (monumento).....	22
Figura 7 - Ensaio Geral (músicos e performances).....	23
Figura 8 - Lembretes intergalácticos.....	25
Figura 9 - Dia da saída, momentos antes de iniciar.....	26
Figura 10 - O início.....	26
Figura 11 - Apresentação na escadaria.....	27
Figura 12 - Apresentação monumento.....	27
Figura 13 - Malabaristas e pênaltos deram o toque final para performance.....	28
Figura 14 - Pirofagia e malabares.....	28

SUMÁRIO

Trajetória pré-musical.....	4
Trajetória percussão-sopro.....	4
A formação de um novo “bloco”.....	7
Construção dos arranjos.....	14
Ensaio geral.....	15
Evento nas redes sociais.....	18
Dia da saída.....	20

Trajetória pré-musical

Após concluir a formação em Engenharia de Produção em dezembro de 2010 e abandonar a carreira profissional de engenheiro, passo a estudar para concurso e paralelamente, em 2011, inicio o curso de teoria e percepção de extensão da música. Ao final dos quatro semestres oferecidos pela UFRGS, levado pela animação dos colegas de curso, me arrisco a fazer também a prova específica. Dessa maneira, ingresso no Bacharelado em Música Popular da UFRGS em 2013/1.

Trajetória percussão-sopro

O início da minha trajetória no universo da percussão aconteceu em abril de 2011, quando me aproximei do coletivo Turucutá que oferecia oficinas de percussão para iniciantes e “iniciados”. Assim, com o conhecimento prévio de bateria que possuía, me aventurei nos instrumentos de percussão tradicionais de uma bateria de escola de samba (surdo, tamborim, malacacheta, repinique, rocar e agogô). A partir daí, fui me envolvendo com o coletivo até me tornar músico do grupo e também professor da mesma oficina.

No final de 2013 a Turucutá montou uma oficina experimental de sopros que durou apenas alguns meses. Naquela oportunidade adquiri um trombone e iniciei meu primeiro contato com os instrumentos de sopro.

A oficina de percussão foi crescendo e se tornando um grande fomentador de novos músicos amadores. A cada ano que passava, novas turmas se formavam enquanto os antigos alunos começavam a formar novos coletivos – como é o caso do Bloco da Laje, Bloco da Diversidade entre outros. Aliado ao movimento Neofanfarrista¹, nascente no Rio de Janeiro em 2008, a ideia de formar um coletivo exclusivamente de sopros e percussões forma-se em Porto Alegre, intitulado “Bate

¹ Movimento iniciado com o resgate do Carnaval de rua pelos blocos *O Céu na Terra* e o *Cordão do Boitatá* em seguida por inúmeras fanfarras instrumentais (sopro e percussão) que apresentam um repertório diversificado, não apenas marchinhas e sambas.

& Sopra”, grupo que passei a fazer parte também em abril de 2015, só que desta vez, tocando trombone.

Deste momento em diante, percussionistas e sopristas amadores já se juntavam para formar blocos de carnaval que já não se contentavam somente com a atividade nos meses de janeiro e fevereiro. Coletivos como “Avisem a Shana que sábado vai chover” (com edições no inverno e no verão), “É primavera” (se apresenta no início da primavera), “Axé que enfim” (somente músicas de Axé anos 90), “Olha o passarinho do Mário” (bloco que inicia o cortejo na Casa de Cultura Mário Quintana), entre outros, se formaram nessa circunstância. A minha participação/criação desses coletivos passou a ser indispensável para a formação nesta área de conhecimento.

Um ponto curioso é que, a partir desses espaços, organiza-se um círculo social novo, formado por pessoas que se encontram para tocar semanalmente. A profissão das pessoas é muitas vezes desconhecida pelos demais. Nesse espaço, diferentes classes profissionais se misturam, como ocorre num dos blocos onde a CEO² de uma empresa de robótica e um auxiliar de cozinha dividem o mesmo espaço.

Os blocos que começavam a se formar fora do circuito carnavalesco tradicional de rua, tinham uma característica diferente dos já existentes. Eles não necessitam de nenhum equipamento ou trio elétrico; eram compostos apenas por indivíduos e seus instrumentos. Esta formação acústica facilita a logística do grupo que pode se encontrar praticamente em qualquer lugar.

Os ensaios acontecem em praças à noite, locais normalmente não ocupados. Por esse motivo, esses coletivos agora exercem um papel importante na ocupação de espaços públicos, na prática da cultura musical em conjunto de forma comunitária e agregadora. Estão abertos a novos interessados no fazer musical, aliado às pautas políticas, como a questão do gênero, do empoderamento da mulher no espaço privilegiado que é tocar um instrumento de percussão ou sopro.

² (**diretor-geral** ou **chief executive officer (CEO)** é o cargo que está no topo da hierarquia operacional de uma empresa).

No ano de 2016, a fanfarra Bate & Sopra começou a se desenvolver e a participar de festivais de fanfarras como o HonkRio!³, evento que reúne fanfarras do mundo todo em apresentações na rua e que acontece anualmente no Rio de Janeiro desde 2015, em meados de novembro.

A participação neste festival em 2016 e 2017 oportunizou novas experiências ao conhecer grande fanfarras reconhecidas internacionalmente como Orquestra Voadora (RJ), Minor Mishap (EUA), Express Brass Band (ALE), Damas de Ferro (RS), Calango Careta (DF), Sopra que Sara (MG), Bloco das Tubas (RJ), Cimarrona La Original Domingueña (Costa Rica), Orquesta Callaejera Bailable(ARG), Unidos do Swing(SP), TecnoBloco(RJ), entre outras.

Infelizmente, manifestações musicais como essas ainda não são valorizadas pelo poder público e é necessário o voluntariado dos músicos, organizadores e arranjadores para que os eventos existam. O Honk, que é um festival internacional, ainda depende de financiamento coletivo e privado. O poder público parece ainda não enxergar os benefícios que estes eventos podem trazer para cidade.

Apesar destes movimentos de blocos não propiciarem nenhum tipo de renda direta, alguns desdobramentos têm origem nessas experiências. O interesse da comunidade pela música aumenta e, conseqüentemente, seu consumo também. As pessoas passam a acreditar que é possível aprender a tocar um instrumento. Aumentam então o número de alunos de música e a demanda por professores destes instrumentos.

A relação sopro e percussão passou a reger meus anseios musicais e, por essa razão, os projetos que me envolvi se formavam em volta disso. Exemplificando, três grupos nesse formato que me envolvi: a “Orquestra Maravilha” – um grupo circense que mistura sopro e percussão, o “Chamegado” – grupo de carimbó no qual toco trombone e a “BigBand do IA”.

³ “O HONK! é um festival colaborativo baseado em engajamento, cooperação, voluntariado e coletividade, buscando integração entre fanfarras, artistas e sociedade, a fim de gerar um posicionamento crítico coletivo referente às situações problemáticas da cidade, do país e do mundo. O ativismo se faz valer a partir da iniciativa de cada pessoa envolvida, seja esta da organização, membros de fanfarra ou público, onde todas e todos se encontram, dialogam, dançam, tocam, brincam, agem e transformam o espaço urbano.” Disponível em: <www.honkrio.com.br>

A formação de um novo “bloco”

É dentro dessa comunidade, permeada pelo universo que já situei, que surge a ideia e a possibilidade da criação de um novo bloco/coletivo/fanfarraband. Ela traz uma temática cósmica, planetária ou galácticas, em função das possibilidades performáticas que isso oportunizaria: cortejos noturnos e iluminados com músicas não convencionais (se assim fosse possível).

Em uma reunião animada de vários interessados no início de 2017 inicia-se um *brainstorm* para formação desse coletivo, onde nomes como “Unidos da Via Láctea”, “Bloco Cósmico”, “Vaca Abduzida” começam a surgir, e também, ideias de repertório como “Also sprach zarathustra” e temas de filmes como “Star Wars”.

Eu sempre me interessei muito por astronomia e assuntos relacionados ao espaço sideral e foi por essa razão que no início de 2018 me desafiei a desenvolver o trabalho de arranjador, compositor e regente do grupo, posição que ainda não tinha ocupado nos outros coletivos, ainda que fosse muitas vezes visto como uma referência por ser um dos únicos em formação na área e que trabalha (sobrevive) única e exclusivamente de música.

A fim de trazer algo musicalmente novo para este nicho, propus para o grupo algo diferente: ao invés da formação clássica com percussões de uma bateria de escola de samba, a percussão seria formada somente por bombo (surdo) e robocop (suporte para caixa, Hi-hat e periféricos) tal qual uma bateria tradicional desmembrada. O objetivo da formação percussiva reduzida, com apenas duas ou três pessoas, era possibilitar maior ênfase aos sopros que ainda necessitavam de espaços para se desenvolver - diferentemente das percussões – e para fugir dos formatos de arranjos percussivos tradicionais.

O novo formato dividiu opiniões. A maioria das pessoas que sabiam tocar um instrumento, tocavam apenas instrumentos de percussão tradicionais de escola de samba. Desses, nem todos encararam o “corte” como um empecilho. Muitos dos engajados, entendendo que não tocariam percussão, enxergaram na ocasião a oportunidade de aprender um instrumento de sopro.

O projeto já se mostra desafiador desde a sua formação, por se tratar de instrumentistas amadores, muitos ainda estão na fase inicial de aprendizado com pouco ou nenhum conhecimento de teoria musical, muitos ainda iniciados no mundo musical no universo da percussão desta mesma comunidade.

Segue um pequeno relato dos primeiros encontros realizados nas quartas-feiras às 18h, em frente ao Araújo Viana, local que se tornaria o “habitat natural” do coletivo:

Encontro	Objetivo/Atividades
1º - 28/03	No primeiro encontro já proponho um a execução de dois arranjos: Also sprach zarathustra arranjo groove e Meute - mental help. Apareceram para o encontro: 3 sax alto, 1 trombone, 1 percussionista, 2 clarinetes e 1 trompete. Pontos trabalhados: Afinação, articulação, dinâmica e resposta à regência
2º - 04/04	Mesmas músicas, repetimos os arranjos e ainda mais “One More Time” de Daft Punk.
3º - 11/04	Não foram muitas pessoas, encontro muito improdutivo e desanimador.
4º - 25/04	Encontro muito produtivo, fizemos exercícios de afinação e composição nova (criada na noite anterior em um “sonho”), comunico a intenção de levar o projeto para o meu trabalho de conclusão de curso, ainda sem a definição se performance ou outra possibilidade. Um violino e duas flautas transversais integram o grupo. Atividades: Exercício de campo harmônico e escala maior; Soundpainting ⁴ - com escala maior (Dó maior)

⁴ Língua de sinais utilizada para indicar o tipo de material a ser executado pelos músicos em uma performance.

5º - 09/05	Fizemos: exercício de afinação; improvisação com pentatônica; criação de temática/ambiente a partir disso; Soundpainting com escala menor (Am)
------------	--

Até o colóquio foram realizados mais cinco encontros e a rotatividade de pessoas foi significativa. Até o final do processo o grupo teve diversas formações, idas e vindas de pessoas, algumas desistiram e retornaram nos momentos finais, outras participaram somente deste momento inicial. Até aqui somente instrumentos de sopro integraram o coletivo.

Figura 1 - Ensaio Cosmobloco com Yuri, Martin Jonas e Suelen



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

No colóquio dos graduandos em música popular, apresentei as ideias elucidadas até o momento que reuniam referências sonoras, visuais e performáticas. A banca, formada pelas professoras Doutoras Luciana Prass e Caroline Abreu, sugeriu que eu seguisse a proposta de performance.

Ao final do semestre me mantive muito animado com o projeto e decidido a seguir o caminho da performance, como as próprias componentes da banca mencionaram “talvez a primeira vez que veremos algo do tipo no curso” (com poucas turmas ainda formadas, mas ainda sim algo inovador).

Entretanto, como já havia me alertado orientador, trabalhar com coletivos não é tarefa fácil, ainda mais se está se lidando com músicos amadores e iniciantes, que estão dedicando do seu tempo livre para agregar naquele projeto. O frio e a chuva do inverno portoalegrense não deram trégua em julho de 2018 e para quem precisa de um espaço na rua para fazer o projeto andar não foi nada fácil. Tentei em alguns encontros realizar ensaio em lugar fechado, mas não ia ao encontro com a proposta.

Entendi que estar na rua, em um espaço público, também é essencial. Não me detenho aqui a necessidade acústica, onde a relação do som é outra, sem barreiras para contê-lo que tem outra resposta em um ambiente enclausurado, mas de estar em um lugar em que qualquer um possa ver, ouvir e se contagiar, manter essa relação cidade-cidadão, de difusão cultural.

Nem tudo foi gélido e úmido neste inverno, em um dos poucos ensaios encarangados, somente com dedos expostos para conseguir tocar, eis que surge uma pessoa dançando algo que parecia uma dança contemporânea perto do grupo. Depois da segunda coincidência de local e horário, conversei com o dançarino e descobri que o sujeito era aluno do Departamento de Artes Dramáticas (DAD) e aquilo que nos encantava com seus movimentos era também, seu próprio trabalho de graduação. Nesse momento, decidimos unir os interesses e colocar tudo dentro deste caldeirão.

Passado este período mais cinzento, típico do inverno de Porto Alegre, refleti um pouco sobre as questões práticas e capacidades do coletivo de abraçar o projeto. Cheguei então à conclusão que seria interessante não deixar tanta responsabilidade em cima de todo o coletivo. Como solução, agreguei algumas músicas com outro coletivo que já faço parte (Bate & Sopra) – com repertório que já ensaiávamos – inclusive uma música de minha autoria que originalmente foi composta para o Cósmino – e outras que dialogavam com a temática do bloco. Também arranjei alguns momentos solos, duos ou trios, que também proporcionaram espaço para as intervenções cênicas de malabarismos.

Quando estávamos reiniciando os trabalhos em agosto, a Bate & Sopra viajou para Brasília a fim de participar da primeira edição do Honk! na capital brasileira. Como já mencionei, o grupo já havia participado de duas edições no Rio de Janeiro, em 2016 e 2017 e buscava novos ares para mostrar seu trabalho.

Foi um final de semana (24, 25 e 26 de agosto) de muito boas experiências, grandes referências musicais e visuais que me alimentaram para trazer novas propostas ao coletivo. Pelo menos uma música que foi tocada de forma improvisada pelo festival, depois que todas as fanfarras se apresentaram, foi incorporada no repertório, além de várias possibilidades de interação com público e movimentação dos músicos e brincantes⁵ que integravam as fanfarras.

Algumas modificações, como um pouco de intenção corporal no fazer musical, dão outra cara para performance, isso ficou bem claro na experiência em Brasília. Lá não enxerguei muito investimento com luzes (LEDs⁶) e figurinos mais elaborados, o que destaca como inovadora a nossa proposta de performance, pelo menos dentro deste universo de fanfarras.

Figura 2 - Honk! Brasília agosto/2018



⁵ Todos aqueles que fazem parte do bloco interagindo com o público mas não tocam instrumentos: malabaristas, pernaltas, bailarinos e etc.

⁶ Sigla para *Light Emitting Diode*, diodo emissor de luz em português

Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Com o clima portoalegrense mais ameno em setembro, ficou mais fácil motivar os integrantes a estarem no nosso encontro semanal. Para abranger mais participantes, acrescentei mais um dia de ensaio na semana. Esse segundo dia de ensaio, ocorria no meio da tarde de segunda-feira para abarcar aqueles que tinham compromisso na quarta-feira, considerando que frequentavam o coletivo vários tipos de profissionais, inclusive os que não trabalhavam em horário comercial (plantonistas, autônomos e estudantes/pesquisadores noturnos).

Comecei a perceber que o espaço também tinha uma função social muito importante e que estava atrelada ao meu modo de conduzir os ensaios. Procurei organizar os ensaios de maneira leve, incentivando o grupo com palavras sempre de incentivo e positivas, a fim de que todos ficassem motivados a desenvolver seu potencial musical.

Para os muito tímidos, esse espaço funcionava como uma oportunidade para eles praticarem sem medo de errar, sempre com incentivo de prosseguir, entre pessoas conhecidas e que também eram amadores. Para aqueles que enfrentavam um momento difícil na vida, como depressão, baixa-autoestima ou perda de um familiar, situações que fogem do controle, percebi pelas narrativas e pelo próprio comportamento dos participantes, que os ensaios funcionavam como um incentivo à própria superação.

Adentrávamos em outubro quando o período eleitoral começou e o clima na cidade começava a ficar hostil, mais um fator externo no processo. Músicas de protesto como *Divino Maravilhoso* foram agregadas ao repertório para fortalecer o coletivo e dar mais sentido a ocupação do espaço público.

Para este tipo de manifestação (cunhada pelos organizadores do Honk! de movimento Neofanfarrista) é de suma importância a crítica social e a resistência política contra os avanços da censura e do conservadorismo autoritário presente nas eleições de 2018. A higienização das manifestações de rua por parte do poder público é um dos grandes pontos a serem combatidos por este movimento. O simples fato de trazer música e cultura para rua traz consigo segurança para aquele espaço que antes estava vazio e inabitado. Um senso de coletivismo é aflorado

nestas manifestações, sempre agregando questões sociais ao dar espaço de protagonismo para pessoas que tradicionalmente tem o mesmo negado.

Na reta final de ensaios, mais precisamente os quinze dias que antecederam a apresentação do dia 23 de novembro, decidi fazer ensaios todos os dias para simular uma imersão musical, tentar proporcionar uma apropriação do repertório pelos músicos, tendo em vista que nem todos podiam ensaiar nos dias oferecidos ou ainda, não conseguiam estudar sozinhos em casa. Outro ponto muito importante neste processo final foi ter a parte percussiva presente, foi notável a diferença na impressão que os participantes tinham ao ver o todo soando ao mesmo tempo. Talvez por eu já estar acostumado com projetos assim já imaginava como seria, mas para os integrantes, tocar com todos juntos era algo inédito, pareceu completar o som que faltava e fez mais sentido ainda a prática musical.

Construção dos arranjos

Vários foram os desafios para colocar o projeto em prática, um deles foi o cuidado com os arranjos, pois acabei me deparando com níveis bem distintos de experiência musical, podendo ainda dividir esta experiência em várias camadas.

No âmbito do instrumento havia quem ainda houvesse iniciado o seu contato com o instrumento há pouco tempo, outros, vinham com a bagagem de um instrumento diferente e estavam reaprendendo técnicas e conceitos e, havia também aqueles que recuperaram o contato com o instrumento depois de muito tempo parado.

No que diz respeito a musicalidade, também se misturam experiências diversas, por exemplo, alguns não tinham a vivência de tocar em grupos e com instrumentos diferentes e, é claro, o fato de tocar na rua também era um elemento inusitado para outros.

Levando em conta todos estes fatores, foi preciso muito cuidado ao desenvolver estes arranjos. Como se não bastasse toda essa complexidade, eu necessitava que todos os arranjos fossem decorados, afinal de contas estaríamos andando e não era possível tocar lendo partituras. Além disso, a grande maioria não tinha este conhecimento técnico, portanto era necessário que houvesse uma certa repetição melódica (ostinatos) de fácil memorização dentro do próprio arranjo para que ele funcionasse bem.

Um ponto curioso é que escrevi as partituras e ofereci para quem sabia ler, mas em resposta ouvi: “não, prefiro não ter escrito, senão depois não consigo decorar e fico refém da partitura”. Ou seja, até mesmo a maneira de transmitir a música foi particular para cada um. Eu contei muito fortemente com a ajuda de alguns que eram mais assíduos para que auxiliassem os colegas do mesmo naipe, pois, como educador musical, tenho a clareza de que ensinar é uma grande forma de aprendizado.

Ao mesmo tempo em que a metodologia de oralidade trouxe grande apropriação e confiança nos arranjos por parte dos músicos, ela também tornou mais demorado este processo, tendo em vista que era mais difícil se estudar em

casa. Como recurso, optei por gravar os ensaios para que fosse possível estudar as músicas depois ouvindo os áudios.

Pra mim foi um exercício mental incrível também, ter que memorizar todos os arranjos em pelo menos três tonalidades diferentes em função dos instrumentos transpositores (Flauta transversal e Trombone em C; Saxofone Tenor, Tuba, Trompete e Clarinetes Bb; e Saxofone Alto em Eb). Ainda havia os que aprenderam o instrumento que era pra ser transpositor em dó, ou seja, era preciso saber as notas do saxofone, por exemplo, em duas tonalidades. Mais do que isso, tive que aprender as peculiaridades de cada instrumento, dos quais eu não tinha nenhuma experiência, para saber o que era possível fazer no arranjo, o que era confortável, o que era idiomático, entre outras coisas, aprender sobre: técnicas, embocaduras, manutenção e tudo que envolve tocar um instrumento de sopro.

Ao mesmo tempo em que tinha todas estas adversidades, eu tinha uma projeto de graduação em música para fazer, ou seja, tinha que ter um bom resultado sonoro: afinado, com as partes executadas e boa precisão rítmica. As afinações sempre me preocuparam muito e foi uma dificuldade imensa em se tratando de instrumentos não temperados. Pensando que mesmo profissionais sofrem com esta precisão, conduzir este grupo de músicos amadores foi um grande desafio.

Ensaio geral

Uma grande preocupação minha era o trajeto feito pelo bloco, por isso, fiz questão de fazer um ensaio geral na antevéspera da apresentação já no local onde seria realizada. Com parte da Orla do Guaíba revitalizada, eu planejei pontos estratégicos que dariam teor de espetáculo no trajeto, locais como escadarias iluminadas, monumentos e caminhos.

Figura 3 - Orla do Guaíba (Porto Alegre)



Fonte: Google (2018).

Vários fatores decidiram o trajeto, um deles foi que tínhamos uma bateria em cima de um carrinho, que na sua origem foi projetado para levar barris de cerveja (trabalho regular do baterista) em eventos na rua, mas que foi adaptado para suportar uma bateria compacta. O ensaio geral foi também para testar o carrinho e sua desenvoltura no percurso. Portanto precisávamos de um caminho plano e sem obstáculos para também as pernaltas (pessoas em pernas-de-pau) caminharem tranquilamente.

Figura 4 - O carro para vender cerveja foi adaptado para levar a bateria



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

O primeiro ponto de parada seria uma escadaria com holofotes que possibilitaria um momento “palco” onde a valorização da projeção dos sopros é maior, uma tradicional forma de apresentação de fanfarras modernas. Este momento também se fez necessário, pois quem tocou neste local foi um número menor de músicos, potencializando assim a massa sonora. A escadaria também oportuniza que os malabaristas apareçam ao redor e ao fundo abrillantando a performance.

Figura 5 - Ensaio Geral (escadaria)



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Seguindo o trajeto, planejei mais três músicas com o bloco caminhando até chegar em um monumento onde novamente faríamos um outro formato de apresentação, em círculo, com a possibilidade do público ficar ao redor e em cascata, valorizando também os malabaristas que se posicionaram ao redor do grupo de músicos.

Figura 6 - Ensaio Geral (monumento)



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Ao final do ensaio geral foi possível visualizar a performance como um todo., Até então, só tínhamos ensaios parados em frente ao Araújo Viana, sem caminhar, sem iluminação e sem todas pessoas envolvidas. Também foi impactante ver o grupo todo iluminado com luzes LEDs que comporiam a estética “cós mica” do bloco.

Figura 7 - Ensaio Geral (músicos e performances)



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Evento nas redes sociais

Para convergir com a estética da proposta cósmica, escrevi um texto no evento criado no Facebook que condizia com o projeto e criava uma expectativa intergaláctica que segue:

Entre os possíveis Multiversos está localizado nosso Universo observável, onde podemos ver cerca de 2 trilhões de Galáxias entre elas a Via Láctea, com suas 200 bilhões de estrelas. Dentro desta galáxia 8 planetas orbitam em torno de uma estrela, o Sol. Um pequeno planeta entre eles, a Terra, é habitado por 8,7 bilhões de espécies conhecidas, uma destas os seres humanos, que somam 7,6 bilhões.

Dessa população, alguns serhumaninhos iluminados e gravitacionalmente ligados, se juntaram a mim, e aceitaram viajar pelo espaço intergalático para mostrar do que as ondas cósmicas são capazes. Mesmo que 90% das galáxias sejam compostas de matéria escura, a nossa luz ainda brilha forte, seremos resistência sempre.

No dia 23 um ciclo se encerra na minha vida acadêmico-musical. Ocorrerá um grandioso evento astronômico, uma Supernova: estrela maciça que, num estágio avançado de sua evolução, explode; passa repentinamente a brilhar de modo muito intenso, para depois ir perdendo lentamente o seu fulgor. Assim é dado início a uma nova era. É tempo de brilhar!

Os Cosmobloquiaos abduzidos são:

Tuba - Lucas Silveira

Trombone - Martin Weiler, Guilherme Bregon, Andrés García e Pedro Souza

Sax Alto - Carolina Pizzato, Giana da Rocha, Jonas Lunardon e Andrey dos Anjos

Sax Tenor - Vinícius Ávila

Flauta - Suelen Muraro, Yuri Neves, Mônica Lopes e Livia Tabert

Trompete - Amanda Campos e Gabriel Luzzi

Percussão - Amadeu Medina, Frigo, Ananda Aliardi, Shana Weber, Luíz Barreto e Pedro Souza

Porta estandarte - Ana Ipliski

Pernaltas - Bárbara Kasper, Alice Quadros, Laura Lewgoy, Ângela Ferreira, Caroline Riella, Thainê Monteiro, Alice Kasper, Thainá Della Nina, Érica Ivanoff, Andressa Brzezinski e Marsala Machado

Malabaristas - Camila Filter, Naamah Nádia Corrêa e Jacqueline Martinez

Produção - Lorena Relva

Orientação: Jean Presser

QUANDO: Sexta-feira dia 23/11

CONCENTRAÇÃO: 19h30

SAÍDA: 20h00

LOCAL: Orla do Gasômetro

Relembrando que:

#respeitatodes

#nãoénão

#elenão

#lixonolixo

Postagem com recomendações e lembretes:

Figura 8 - Lembretes intergalácticos



Dia da saída

Enfim o dia de aconteceu, o engajamento de todos foi surpreendente, desde as fantasias, malabarismos e luzes até entrega para música e performance. Como se não bastasse, a chuva, que tinha grandes chances de cair, deixou apenas alguns pingos e aguentou até o fim da apresentação, mais do que isso, o céu coberto de nuvens iluminou o cenário com raios e trovões que pareciam fazer parte do espetáculo. A sensação foi dever cumprido e de muita alegria nos olhos de cada um.

Figura 9 - Dia da saída, momentos antes de iniciar



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 10 - O início



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 11 - Apresentação na escadaria



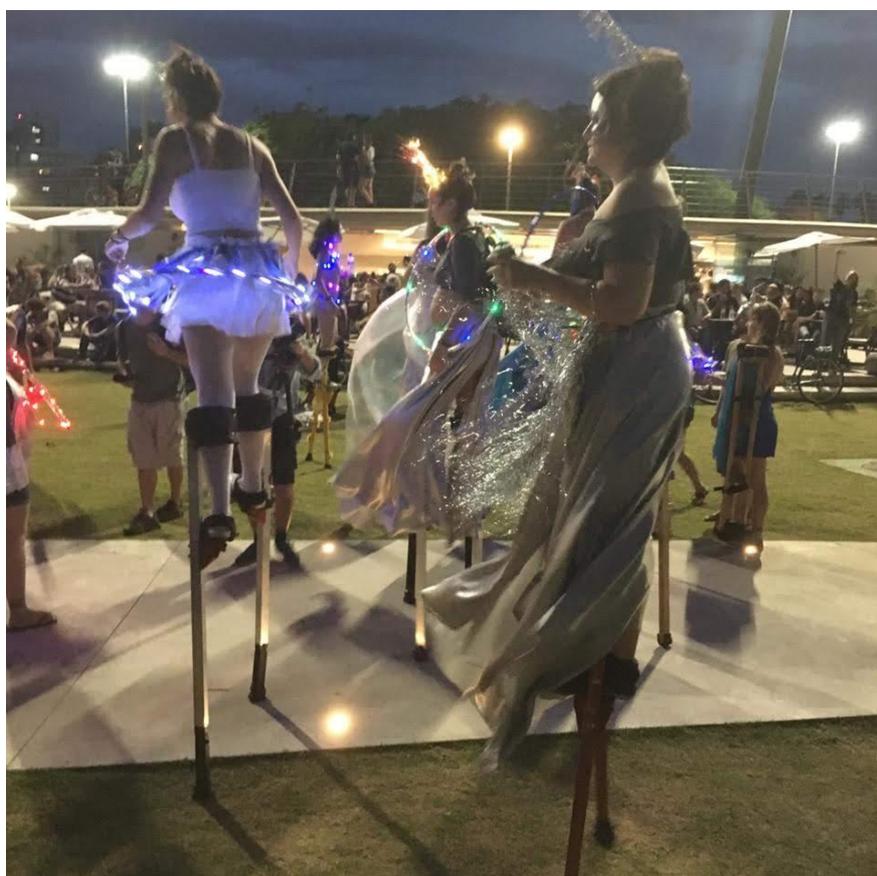
Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 12 - Apresentação monumento



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 13 - Malabaristas e pernaltas deram o toque final para performance



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Figura 14 - Pirofagia e malabares



Fonte: Arquivo pessoal (2018).



Segue abaixo o link das para os registros da performance no dia da saída:

- <https://www.youtube.com/watch?v=ilGNtx34qO4&feature=youtu.be>

- <https://www.youtube.com/watch?v=V-8txmCWj8l&feature=youtu.be>



Depoimentos das pessoas que integraram o CosmoBloco

Pedi às pessoas que participaram do bloco para que fizessem um depoimento de como foi o do processo para cada um. Realizei as transcrições nos casos de áudios a seguir:

Mônica (flauta transversa). Transcrição de áudio pelo *WhatsApp*.

(...) Eu estava na virtualidade no grupo já há meses (grupo do Whats), namorando a ideia ainda mais desde que eu soube quando eu comentei com a Marjorie que eu tocava e ela botou pilha pra ir nos ensaios, mas no fim não confluiu os horários. No início da semana da saída eu estava naqueles dias meio “bad”, meio baixo astral, tive terapia na segunda, foi um encontro difícil, de me dar conta, com questões existenciais. Busquei também o bloco como uma virada astral, cósmica e realmente foi. Me senti bem à vontade nos ensaios, senti do grupo um “comum” muito forte de desejo, acho que isso é muito importante em qualquer processo artístico ainda que com todas as diferenças e acho que este momento político nos convoca para isso, comunha, comungar interesses, eu vi um comum tanto num afeto por ti - muito forte, eu percebia isso, era bem evidente, uma relação amorosa contigo e também que desse certo teu trabalho - quanto antes de mais nada o querer fazer música, achei isso muito massa. Gente com experiência, gente sem experiência, gente que começou a tocar a partir do bloco, numa horizontalidade querendo que desse certo e se ajudando. Isso me fez querer seguir, me deu ainda mais energia pra correr atrás ensaiar, e também tentar estudar em casa e também lidar com as minhas inseguranças. Num recorte de gênero, eu vejo como as mulheres para se permitirem à uma exposição elas tem que ser muito boas no que elas fazem e exercitar o experimental em qualquer coisa que tu faça, não só

artística, se permitir não saber e poder se expôr com esse não saber no lugar de mulher é algo ainda mais difícil. Neste sentido também foi uma experiência pra mim, de ir sem estar perfeito, sem estar pronto. Eu achei muito interessante o número significativo de mulheres no bloco que ultrapassa a cota e que isso é muito raro nos agrupamentos artísticos, principalmente nos sopros e instrumentos. O ensaio geral foi uma experiência incrível, sentir o “tá na rua”, sentir a experiência de se materializando o bloco no fazer o percurso, que eu também não conhecia aquela parte da reforma. Foi uma experiência de deslumbramento, de ver o bloco ganhando corpo, ganhando força, com as pessoas que se somava. No dia da grande saída, nossa, foi uma experiência muito incrível, muito forte, de sair de si - que eu acho muito potente - quando tu se esquece de si mesmo, conseguir sair deste lugar que a gente toda hora responde, de responder por si, e poder dar vazão para um grupo, para um corpo coletivo, um coro de pessoas, perceber esta força que tem estes momentos, estas zonas autônomas temporárias, uma pulsão de vida muito forte que eu acho muito político e que falta nas manifestações. Eu acho que o carnaval e estes encontros festivos são muito revolucionários porque canalizam uma alegria e alegria é força e potência criativa. Essa energia eu carreguei comigo pra além do bloco, pra fazer as minhas coisas, pra ter mais coragem de dar a cara à tapa. Ao mesmo tempo que tinha que ter uma consciência de fazer a música de estar atenta, eu esquecia de mim, eu era só um sopro, um sopro de vida, um sopro coletivo.

Yuri (Flauta transversa). Mensagem pelo Facebook.

Queria deixar registrado o quanto foi legal participar do Cosmobloco, mais legal ainda porque pude acompanhar o lento surgimento desde as primeiras ideias nos inícios de 2017, pelo que lembro.... Pra mim o que mais me chama atenção, até como docente de sociologia, é a tua generosidade como maestro/profe. Pessoas que pouco saibam tocar se sentiam à vontade pra errar, pra perguntar e aprender. Você também sabe apontar um "erro" com a tranquilidade e a pequenez (tamanho) que isso deve ter num processo criativo em coletivo. A pra isso ser assim leve foi bonito ver você compartilhando ideias, as pessoas sugerindo, você perguntando se assim ou “assado” ficaria mais legal. Acho que é essa qualidade linda de professores e mestres sabedores que sabem compartilhar conhecimento que mais queria deixar registrado. É sempre um balanço entre o ego e o outros, e tu demonstrou maestria completa ao fazer desse balanço! Bom, tem outras milhões de coisas quanto ao repertório, a galera tocando ali, tua capacidade como arranjador e compositor que me encantam no cosmobloco, mas como estás te formando quis novamente dizer o quanto você foi um ótimo guia pra este bloco e tenho certeza que serás um músico cada vez mais incrível. Se tu já é baita instrumentista, não esquece desta potência de tocar as pessoas com teu carisma e humildade pode ser um lindo caminho em diversos projetos passando conhecimento e criando vibes coletivas gostosas assim! Parabéns martinho! Tu é um cara demais!

Tales (saxofone alto). Mensagem pelo Facebook.

Foi gratificante participar dos ensaios do Projeto "Vaca Abduzida", o convite chegou em forma de notas que alcançaram meus ouvidos enquanto caminhava pela redenção. Logo visualizei o grupo que ensaiava algumas temas próximo ao Araújo Viana, a convite do Martin comecei a frequentar e desenvolver estudos em alguns temas de jazz passando pelo também por músicas eruditas. Os ensaios em espaços abertos, proporcionam a socialização de músicos de diferentes estilos, bem como são espetáculos abertos aos transeuntes que frequento o parque.

Lorena (produção). Transcrição de áudio pelo Whatsapp.

E foi lá há 1 ano e 8 meses atrás no dia 14/03/2017 que surgiu essa vontade de ter e de criármos o Unidos da Via Láctea, sopro da vaca abduzida, cosmobloquianos, mas que no fim nos resultou no CosmoBloco: A Vaca Abduzida. Eu lembro muito bem de um poema que nosso amigo Marcelo Martins fez que transcrevia a nossa vontade, nossa necessidade de introduzir assim que era:

“E se a Via Láctea não for feita de estrelas, mas de pessoas?

Aquela multidão de gente navegando no espaço feito um bloco de carnaval cruzando a noite, purpurina em estado puro solta no céu.

Bloco siderado, é pra lá que eu vou.

De uma breve postagem aqui no facebook surgiu a ideia: e por que não um bloco de carnaval com esse motivo?

Aquela visão da Via Láctea povoada de purpurina e pessoas cruzando as ruas à noite. Pensamos que o bloco, as fantasias, as alegorias, músicas, seriam de alguma forma relacionadas com o espaço, estrelas, cometas, meteoros, naves, foguetes, astronautas, 2001, guerra nas estrelas e coisas do gênero. O hino seria pluct plact zum (E a marcha imperial do Darth Vader) e o resto é história. Então convidamos os amigxs para construir juntos essa nave espacial, independente do tempo que for levar, mas que a gente faça juntos. Sugestões de nome do bloco, repertório, como fazer, bateria, arranjos, viabilidade e baratos afins. Também quero viajar nesse balão!”

E assim conseguimos construir o CosmoBloco. Foi gerado em 1 ano e 8 meses por muitas participações até que um dia o nosso menino Martin resolveu bater pé e encabeçar isso e levar realmente a sério esta proposta, foi com a dedicação do Martin que eu vi este bloco nascer de fato. É muito engraçado ter participado de toda essa construção, de todo esse processo, de ver o envolvimento de pessoas, de espaço, de dedicação musical e performática. Foi muito bonito de ver o magnetismo que o Martin tem. Essa potência, essa força que ele tem de conseguir cativar e motivar as pessoas, de conseguir passar pra elas a importância da gente se musicalizar e também de ocupar, principalmente espaços públicos, por exemplo onde eram os ensaios em frente ao auditório Araújo Viana, um lugar onde

ocorrem mil shows, mil apresentações e as pessoas acabam esquecendo que aquele lugar também é um lugar público, um lugar onde a gente pode estar, propondo e fazendo e realizando atividades, digo na frente, naquele espaço. Foi através dessa dedicação desta empolgação do Martin que foi nascendo o CosmoBloco, toda quarta-feira acontecendo ensaios, pessoal se dedicando cada vez mais aos seus instrumentos. Essa construção foi se dando através de troca de conteúdos, tanto pela internet como pessoalmente, tendo ensaio semanalmente, com todos os integrantes tudo sendo ministrado pelo Martin. (...) O magnetismo do Martin fez as pessoas se dedicarem cada vez mais e melhorarem neste aspecto. Toda essa construção do bloco é bem rizomática, acaba ligando uma pessoa a outra e vai indo, criando uma grande rede de apoio. Se pensar bem o bloco foi construído por muitas pessoas, tendo a base dos musicistas, mas a gente pode contar com performances, malabaristas, dançarinos, atores, atrizes, fora toda uma questão técnica de produção de design, de construção.

No dia foi muito lindo, todas as emoções que a gente pode sentir: nervosismo, emoção, alegria, vontade de chorar de amor, de satisfação e de ver que aquilo sim saiu, foi pra rua e estava ali sendo avaliado e aproveitado por tantas pessoas. Ver o sorriso de cada pessoa que estava ali, do retorno de que foi tão lindo, foi tão especial, tão colorido. A gente acaba pensando: será que a nossa vida na cidade anda tão cinza? Às vezes através de pequenos atos de conexão de pessoas certas a gente consegue colorir essa cidade com mais cultura, mais arte, mais música, com mais movimento. Eu participei fazendo a produção junto com o Martin, por que é isso, o Martin diz: Lore, vamos? E eu sou de ir, não consigo negar nenhum pedido, porque eu confio, acredito e sei da potência que esse menino tem. O dia da apresentação foi um dia fenomenal, só tínhamos um sentimento dentro do corpo que era gratidão por estar deixando esse legado pra cidade, pra universidade e deixando essa mensagem no coração de cada pessoa que tava ali de que sim, a arte é importante, ela move os nossos pensamentos e constrói seres pensantes.

Bárbara (pernalta). Transcrição de áudio pelo *Whatsapp*.

Apesar do cortejo ter sido numa noite cheia de raio e ventos que isso travava um pouco a nossa velocidade em função de toda altura, o maior desafio que eu encontrei pelo menos, foi dançar. O tipo de movimento por justamente estar dançando em outro ritmo que é diferente do que estamos acostumadas (as pernalta). Somos um grupo que se formou a partir de foliões do blocos de rua e de carnaval, então estamos acostumadas a dançar axé, marchinha e outros ritmos mais brasileiros, que tem outro movimento de dança. Com as músicas propostas pelo Cosmobloco a gente teve que repensar este movimento, pois todo movimento que se faz a um metro de altura do chão, requer este repensar da velocidade do passo, do impacto no chão. Como queremos dançar e transparecer tudo que a música pede com o corpo, acho que foi essa diferença mais forte, não dava pra

fazer os mesmos passos, foi um outro pensamento, uma outra atitude em relação ao corpo e a dança.

Considerações Finais

O curso de música na UFRGS acompanhou toda minha caminhada da percussão até o sopro, foi muito significativo pra mim finalizar o curso com um projeto com este. Toda a gama de conhecimentos absorvidos através de grandes professores e professoras, fizeram eu acreditar no meu potencial para realizar este feito.

Colocar este bloco na rua foi talvez um dos projetos musicais mais audaciosos que já realizei, não imaginava que iria me deparar com tantas adversidades, musicais e não-musicais. Valeu a pena cada esforço, cada nota, cada raio de luz. O resultado final foi realmente muito gratificante e empolgante, todos e todas que participaram e assistiram, ficaram com vontade de mais performances como esta. O desafio agora é crescer e continuar a voar neste espaço sideral, trazendo luz, música e cultura pra rua.